Grandes contingentes humanos enfrentam questões de segurança alimentar em uma escala que não tenha sido visto em história humana recente. A evolução de como alimentamos nossas populações e as tecnologias que usamos para fazê-lo criaram um conjunto único de circunstâncias que trazem consigo desafios únicos, e, apesar avanços significativos na produção de alimentos, a fome continua a afligir milhões de pessoas em todo o mundo. Pensa-se que cerca de 2 bilhões de pessoas no mundo estão atualmente desnutridas (IFPRI, 2016). Muitos fatores contribuem para a fome e diminuem a segurança alimentar no mundo hoje, incluindo conflitos, a pobreza, a má infra-estrutura agrícola e a sobre-exploração do meio ambiente.

O conceito de segurança alimentar é definido pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), da seguinte forma:

"A segurança alimentar existe quando as pessoas, a qualquer tempo, têm acesso físico, social e económico a alimentos suficientes, alimentos seguros e nutritivos que satisfaçam as suas necessidades e preferências alimentares, visando uma vida ativa e saudável. Segurança alimentar familiar é a aplicação deste conceito em nível familiar, com indivíduos dentro famílias como foco de preocupação ".

Entre as questões que ameaçam a segurança alimentar estão os recursos intensivos necessários para as atividades agrícolas. A agricultura é de longe a atividade maior consumidora de água doce do mundo, atualmente, representando 70% do consumo de água doce do mundo (Pimentel, Berger, Filberto, & Newton, 2004). Algumas previsões têm o consumo humano de recursos de água doce do mundo em mais de 90% em 2025 (Rosegrant et al, 2002). Crescente escassez de água deu origem a um movimento de conservação de água sem precedentes, embora os níveis de consumo permanecem elevados.

A dependência da agricultura por solo saudável apresenta um outro problema para a produção de alimentos. Estima-se que 38% da superfície agrícola global encontra-se degradada (Banco Mundial, 2010). A degradação do solo é a mudança induzida pela diminuição natural de potencial dos solos para uso produtivo, e, normalmente, resulta em rendimentos reduzidos devido à falta de nutrientes ou insuficiente disponibilidade de água. O uso indevido do solo e deficiente gestão de terras têm sido apontados como os fatores mais importantes que levam à degradação do solo (Banco Mundial, opcit). Para agregar valor ao estoque de nutrientes dos solos, tendências agrícolas têm apontado para a adição de quantidades crescentes de fertilizantes, que, juntamente com herbicidas e pesticidas, tem contribuído para problemas ambientais significativos e preocupantes.

O acesso à alimentação é outro obstáculo que as famílias e os países enfrentam quando se considera a segurança alimentar.

Muitas vezes é difícil ou inviável produzir alimentos localmente e uma tendência global tem sido obter alimentos cultivados longe do ponto de compra e consumo. No entanto, muitos países em desenvolvimento carecem de infra-estrutura, como estradas ou instalações de armazenamento, para dar eficácia e sustentabilidade para tal cenário. Além disso, esta situação faz com que milhões de pessoas fiquem vulneráveis, com relação a problemas de suprimento, concernentes à distância do mercado produtor, com o consequente encarecimento das commodities agrícolas.

A agricultura moderna tem evoluído lentamente para ajustar-se a um modelo industrial capitalista, onde a agricultura é feita em grande escala por relativamente poucos agricultores. Corporações multinacionais controlam uma parcela tão grande do processo de produção de alimentos que as pessoas tornaram-se cada vez mais dependentes e vulneráveis às suas configurações. De fato, a alocação da produção de alimentos nas mãos de poucos tem resultado no surgimento de problemas de segurança alimentar e ambientais. Decrescente diversidade genética na produção de alimentos, alimentos geneticamente alterados, e grandes necessidades de energia para empacotar, armazenar e transportar alimentos são apenas algumas das questões trazidas pelo agrobusiness em nosso sistema alimentar.

Tendo em conta os problemas associados com as práticas agrícolas intensivas, e dado a escassez global no solo e recursos de água, juntamente com os problemas associados com as regiões subdesenvolvidas onde a fome prevalece, tem havido um grande impulso em direção a práticas agrícolas mais sustentáveis, em um esforço para alimentar mais pessoas com o aumento da eficiência e redução do impacto ao meio ambiente. A agricultura em pequena escala é uma alternativa à agricultura intensiva, pois reconhece a dependência de recursos que são finitos.

A agricultura urbana é definida como a prática de cultivar, processar e distribuir alimentos localmente, no espaço urbano ou peri-urbano (van Veenhuizen, 2006; Lovo, 2011). Trata-se de uma das atividades que tem o potencial de contribuir para o desenvolvimento socio-econômico nas zonas urbanas do mundo em desenvolvimento e tem a capacidade de contribuir para aliviar a insegurança alimentar e a pobreza. Estudos mostram que a agricultura urbana contribui de forma significativa para a renda familiar e dá acesso famílias comida barata, consequentemente, a redução da pobreza (Zazada, 2011; FAO, 2014).

Ele fornece uma solução simples e prática para as questões de segurança alimentar previamente discutidas e tem o potencial para aumentar a estabilidade e a saúde das famílias, alimentando-os e ajudando- tornar-se financeiramente seguro.